

Ensino de história na educação de jovens e adultos: uma análise sobre os caminhos recentes a partir de teses e dissertações (2004-2016)

Teaching history in the education of young people and adults: na analysis about recent paths from theses and dissertations (2004-2016)

Wilian Júnior Bonete¹

Resumo: O presente artigo tem por objetivo central apresentar, de maneira quantitativa, um levantamento acerca das teses e dissertações que tomam por objeto o ensino de História, e analisar de forma qualitativa aqueles trabalhos que abordam o ensino de História na perspectiva dos professores atuantes na EJA. Para tanto, foi realizado diferentes buscas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e no Banco Digital Brasileiro de Teses e Dissertações (BDTD) e identificou-se que, entre os anos de 2004 a 2016, foram produzidas 20 (vinte) dissertações de mestrado e 3 (três) teses de doutorado a respeito do ensino de História na EJA. Se comparado ao ensino de História, de uma forma geral, entende-se que esse número ainda é relativamente baixo, o que já evidencia a necessidade de realização de novas pesquisas e reflexões nessa área. Buscou-se apontar as principais temáticas, os sujeitos, os espaços, os referenciais, as tendências e as perspectivas investigativas sobre o ensino de História na EJA. Concluiu-se, por fim, que ainda é escasso o número de produções *stricto sensu* sobre o ensino de História na EJA, que é necessário sempre

atentar para as especificidades e experiências dos alunos e professores, e que ainda existem lacunas que necessitam de maiores reflexões e preocupações por parte dos investigadores em ensino de História, no Brasil.

Palavras-chave: Ensino de História. E J Formação Docente. Perspectivas investigativas.

Abstract: The main objective of this article is to present, in a quantitative way, a survey about the theses and dissertations that take as their object the teaching of History, and to analyze in a qualitative way those works that address the teaching of History from the perspective of teachers working in YAE. For this purpose, different searches were performed in the CAPES Theses and Dissertations Catalog and in the Brazilian Digital Bank of Theses and Dissertations, and it was identified that, between the years 2004 to 2016, 20 (twenty) master's dissertations were produced and 3 (three) doctoral theses on the teaching of History at YAE. When compared to the teaching of History, in general, it is understood that this number is still relatively low, which already highlights the need for further research and

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor no Departamento de História da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade de Campanha.

reflection in this area. We sought to point out the main themes, subjects, spaces, references, trends and investigative perspectives on the teaching of History in YAE. Finally, it was concluded that the number of strictu sensu productions on the teaching of History in YAE is still scarce, it is always necessary to pay attention to the specificities and experiences of students and

teachers, and that there are still gaps that need further reflection and concerns on the part of researchers in history teaching in Brazil.

Keywords: History teaching, YAE. Teacher training. Investigative perspectives.

O campo do ensino de História, ao longo das últimas décadas tem se apresentado como uma área fértil de pesquisa. Dos anos 80, quando os pesquisadores passaram a demarcar o seu território investigativo, lutar pelo retorno da autonomia da disciplina de História, até a atualidade, inúmeras demandas e temáticas emergiram do chão da escola e dos centros de pesquisas das universidades brasileiras. Circe Bittencourt (2014) aponta que diferentes articulações têm sido feitas, por pesquisadores e professores, de tal modo que é possível afirmar que hoje existe um quadro muito rico de abordagens epistemológicas e metodológicas que circundam a área do ensino de História. Conforme a própria autora, não se trata de falar sobre como a História deveria ser ensinada nas escolas, mas sim, de como “fazer a pesquisa em ensino de História”.

Ernesta Zamboni (2005), ao fazer um balanço bibliográfico sobre as temáticas que surgiram nos encontros e seminários especializados dos grupos de trabalhos (GTS) nacionais e internacionais destaca – além do crescimento quantitativo e qualitativo da produção científica sobre o ensino de História – a multiplicidade de conhecimentos que envolvem tais produções. Segundo a autora, entrecruzam-se saberes provenientes de diferentes áreas das Ciências Sociais e Humanas, o que evidencia o caráter interdisciplinar das pesquisas.

Todavia, se por um lado é perceptível o avanço das investigações sobre o ensino de História que abarca os jovens estudantes do ensino fundamental e médio, por outro, já não é possível notar o mesmo avanço e preocupações em direção ao ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Há muitas lacunas que ainda precisam ser supridas com reflexões e pesquisas sistemáticas.

Nos últimos anos a EJA sofreu inúmeros ataques como, por exemplo, as constantes ameaças de fechamento de turmas noturnas, bem como a ausência de políticas públicas educacionais, uma vez que a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sequer fez menção a tal modalidade de ensino. Essa

despreocupação nos leva a pensar que a EJA, mais uma vez, está sendo relegada às margens do sistema escolar e das atenções governamentais.

Nessa direção, o presente artigo apresenta um levantamento exploratório de teses e dissertações produzidas no Brasil, entre os anos de 2004 e 2016,¹ e que tomam por princípio o ensino de História e a construção do saber histórico escolar na visão de professores atuantes na EJA.

Antes de avançar, é conveniente tecer algumas considerações sobre as escolhas e aspectos teórico-metodológicos. Primeiramente, não se trata de um exaustivo mapeamento ou esforços rigorosos de se traçar um estado da arte das pesquisas sobre o ensino de História na EJA no Brasil. Trata-se de reconhecer os sujeitos, locais e áreas das pesquisas, situar temas, recortes, lacunas e potencialidades investigativas.

Quanto ao recorte temporal, ele foi escolhido em função da identificação, em repositório digital, do primeiro trabalho sobre o ensino de História na EJA, qual seja, a dissertação de Diógenes Nicolau Lawand intitulada: *Memória e Ensino de História: uma experiência na Educação de Jovens e Adultos, e que foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da USP no ano de 2004.*

Já o ano de 2016 foi estipulado como um limite devido a época de coleta dos dados que fizeram parte de nossa tese de doutorado, e também pela identificação de três dissertações de mestrado, a saber: Ana Maria Maciel Rinaldo intitulada: O Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos: uma contribuição para a formação da cidadania, defendida na Unesp; a dissertação de Cláudia Smuk da Rocha intitulada: O estado do conhecimento sobre o ensino de história na EJA: um estudo a partir dos anais dos simpósios da associação nacional de história (ANPUH – Brasil) 1961-2015, defendida na UFFS; e a dissertação de Eliane Leite Barbosa Bringel com o título: O uso de filmes no ensino e aprendizagem de História na Educação de Jovens e Adultos –EJA em Araguaína – TO, defendida no ProfHistória da UFT.

O estudo não é exaustivo, visto que se toma como fontes investigativas o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes² e o Banco Digital Brasileiro de Teses e Dissertações (BDTD)³ mediante a utilização de descritores ligados ao tema de nossa tese de doutorado: “Ensino de História e EJA”; “Professores de História e EJA”; “Aprendizagem histórica e EJA”; “Alunos da EJA e História”; “Ensino de História, Identidade e EJA”; “Consciência histórica e EJA”; “Didática da História e EJA.

De posse do levantamento dos dados, e cientes das limitações que essa abordagem proporciona, o passo seguinte consistiu na leitura dos trabalhos e

procurou-se responder as seguintes questões: onde e quem o produziu; qual a temática geral; quem foi o orientador ou a orientadora e quais foram os referenciais teórico-metodológicos mais utilizados.

Para tanto, a exposição dos resultados está dividida em três momentos específicos. No primeiro apresenta-se um quadro geral, de caráter mais estatístico, das pesquisas realizadas entre os anos de 2004 e 2016, com suas temáticas, orientadores, universidades e programas de pós-graduação. No segundo empreende-se uma análise qualitativa dos trabalhos que envolvem o ensino de História na perspectiva dos professores atuantes na EJA. No terceiro momento – considerações finais – apresenta-se uma retomada dos principais pontos abordados nesse artigo, bem como as perspectivas para futuras pesquisas sobre o ensino de História na EJA.

Quadro geral quantitativo das produções *stricto sensu* sobre ensino de História na EJA: temáticas, sujeitos e espaços

O levantamento quantitativo inicial nos possibilitou constatar que foram defendidas, entre os anos de 2004 a 2016, 20 (vinte) dissertações de mestrado e 3 (três) teses de doutorado a respeito do ensino de História na EJA – e cujas referências completas estão relacionadas ao final desse artigo. Se comparado ao ensino de História, de uma forma geral, esse número ainda é relativamente baixo, o que já denota uma necessidade de criar incentivos para a realização de novas pesquisas e reflexões junto a essa modalidade da educação básica.

No **Quadro 1** é possível visualizar o número das produções subdivididas em diferentes temáticas.

Quadro 1 – Quadro geral das produções entre os anos de 2004 e 2016

TEMÁTICAS	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Percepções da exclusão social		1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Avaliação		-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Currículo		-	-	1	-	-	-	1	-	1	-	-	-
Identidade Cultural		-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Práticas de Leitura e Escrita		-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Consciência Histórica		1	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-
Práticas Docentes		-	-	-	-	1	-	1	1	-	-	-	-
Significados da História		-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Representações Sociais		-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Cidadania		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Ensino de História e livros Didáticos		-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	-	-
Ensino de História e Uso de Fontes		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Levantamento bibliográfico		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Memória	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total de produções		23											

Fonte: elaborado por Bonete (2018).

Esse quadro geral evidencia as principais temáticas de interesses entre os investigadores do ensino de História na EJA. No tema “Currículo” identificou-se um total de 3 (três) trabalhos. O tema “consciência histórica” totalizou o interesse de 4 (quatro) trabalhos específicos. Já com os temas “Práticas docentes” e “Livros Didáticos” identificou-se um total de 3 (três) trabalhos para cada tema.

Tais escolhas remetem, primeiramente, há um possível grande interesse dos investigadores nos conceitos elaborados pelo historiador alemão Jörn Rüsen.

Esse autor vem sendo presença marcante nos trabalhos, sobretudo da Didática da História e Educação histórica, em diversas regiões do Brasil. Inúmeras investigações já foram realizadas, e outras estão em curso, e muitas delas abordam proficuamente conceitos como consciência histórica, narrativa, identidade, cultura histórica, dentre outros. Se tais abordagens atingem o ensino de História, de um modo geral, não é de se estranhar que tais temáticas se sobressaíam, também, em pesquisas que envolvem a EJA.

No que tange aos currículos, práticas docentes e livros didáticos, esses correspondem a temáticas já consagradas no campo do ensino de História e que são extremamente relevantes, atuais e necessários principalmente quando se referem a EJA. Os currículos para a EJA, de maneira geral, configuram-se de maneira muito heterogênea nos estados e municípios, e é relevante compreender como se desenvolvem as experiências dos professores, como as escolas lidam e constroem esses currículos e quais são os seus impactos na cultura escolar de cada realidade investigada. A mesma perspectiva se articula ao interesse das investigações sobre livros e materiais didáticos, bem como as práticas docentes no contexto escolar da EJA.

No processo do levantamento dessas produções acadêmicas, procurou-se também conhecer quem eram os orientadores e os lugares onde foram produzidas as dissertações e teses. Nessa direção, elaborou-se uma amostragem acerca dos professores orientadores, das Instituições de Ensino Superior e dos Programas de Pós-Graduação que foram *locus* das realizações dos trabalhos.

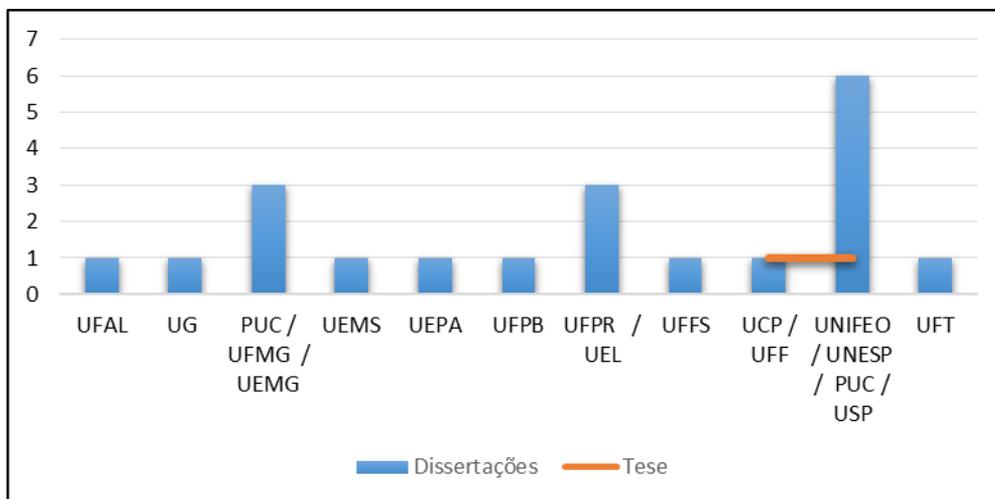
Figura 2 – Orientadores, Instituições e Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*

Orientadores	Instituição	Programa de Pós-Graduação
Carmem Lúcia Eiterer	UFMG	Educação
Cely do Socorro Costa Nunes	UEPA	Educação
Circe Maria Fernandes Bittencourt	USP	Educação
Clarice Nunes	UFF	Educação
Edineide Jezine Mesquita	UFPB	Educação
Edna Cristina do Prado	UFAL	Educação
Lana Mara de Castro Siman (2 orientações)	UFMG/UEMG	Educação
Marcia Siqueira de Andrade	UNIFEO	Psicologia Educacional

Marcos Antônio de Menezes	UFG	História
Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt	UFPR	Educação
Maria Inez Salgado de Souza	PUC –MG	Educação
Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo	UNESP	Educação
Marlene Rosa Cainelli	UEL	Educação
Nereide Saviani	UCS / Santos	Educação
Regina Célia Alegro	UEL	História
Roseli Rodrigues de Mello	UFSCAR	Educação
Sonia Maria de Vargas	UCP – Petrópolis	Educação
Carla Villamaina Centeno	UEMS – Paranaíba	Educação
Vasni de Almeida	UFT – Araguaína	ProfHistória
Maria Glória Minguili	UNESP – Bauru	Educação
Iône Inês Pinsson Slongo	UFFS – Chapecó – SC	Educação
Zilma de Moraes Ramos de Oliveira	USP	Educação

Fonte: Elaborado por Bonete (2018).

Gráfico 1 – Produções acadêmicas por universidade



Fonte: Elaborado por Bonete (2018).

Pode-se notar que os trabalhos sobre o ensino de História na EJA foram o foco de investigadores de diversas instituições brasileiras, com destaque para os

números de São Paulo com 5 (cinco) dissertações de Mestrado e 1 (uma) tese de Doutorado; Minas Gerais com 3 (três) dissertações e 1 (uma) tese de Doutorado; Paraná com 3 (três) Dissertações de Mestrado; Rio de Janeiro com 1 (uma) Dissertação de Mestrado e 1 (uma) Tese de Doutorado.

Outro dado relevante é que, das 23 (vinte e três) produções, 19 (dezenove) foram realizadas em Programas de Pós-Graduação em Educação; 2 (duas), em Programas de Pós-Graduação em História; 1 (uma) em Programa do Mestrado Profissional em História; e 1 (uma) em Programa de Pós-Graduação em Psicologia Educacional.

A partir desses dados, evidenciou-se que grande parte das pesquisas sobre o ensino de História na EJA foi realizada em Programas de Pós-Graduação em Educação. Luis Fernando Cerri (2013) comenta que os professores e pesquisadores do ensino de História sentem-se identificados como historiadores, porém, ao pensar a questão da verticalização da pesquisa, esses sujeitos – e os seus temas de pesquisa – encontram maiores espaços nos programas em Educação. Apenas recentemente é tais barreiras estão sendo rompidas mediante o surgimento de linhas de pesquisas no contexto dos programas de pós-graduação em História.

Nesse sentido, é conveniente destacar os Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em História, no Brasil, que vêm ampliando o espaço em suas linhas investigativas e incrementando o ensino de História entre o rol de seus interesses. Essas linhas configuram-se em grandes contribuições no sentido de receber as pesquisas sobre o ensino de História. Temos atualmente os seguintes programas com as respectivas linhas de ensino:

- Programa de Pós-Graduação em História da UFPB com a linha de pesquisa: *Ensino de História e Saberes Históricos* (Mestrado).
- O Programa de Pós-Graduação em História Social da UEL com a linha *História e Ensino de História* (Mestrado)
- O Programa de Pós-Graduação em História da UFMT com a linha Ensino de *História, Patrimônio e Subjetividade* (Mestrado e Doutorado).
- O Programa de Pós-Graduação em História Social da UERJ (*Campus São Gonçalo*) com a linha de pesquisa *Historiografia e Ensino de História* (Mestrado e Doutorado).
- O Programa de Pós-Graduação em História da UFRPE, com a linha de *Ensino de História e Cultura Regional* (Mestrado e Doutorado).
- O programa de Pós-Graduação em História da UFPE, com a linha

de *Saberes históricos: teoria, ensino e mídias*.

- Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA,⁴ com as seguintes linhas de pesquisa: *saberes históricos no espaço escolar; linguagens e narrativas históricas: produção e difusão; saberes históricos em diferentes espaços de memória*.

O quadro geral aqui realizado mostra uma variedade considerável de interesses temáticos dos investigadores com ênfase na “consciência histórica”, com 4 (quatro) trabalhos; “currículos”; “práticas docentes” e “ensino e história e livros didáticos” com 3 (três trabalhos cada). Outro dado evidenciado é que, no contexto do recorte temporal selecionado, apenas 3 (três) Teses foram realizadas, o que também mostra que houve pouco interesse em transformar a temática do ensino em História na EJA em formato de Doutorado. Os locais que abrigaram as pesquisas aqui arroladas foram, majoritariamente, os Programas de Pós-Graduação em Educação.

O olhar, a partir de agora, será direcionado para os trabalhos que abordam o ensino de História na visão dos professores atuantes na EJA.

O Ensino de História e o saber histórico: a visão dos professores atuantes na EJA

Essa subseção ocupa-se em promover uma análise de caráter qualitativo acerca dos trabalhos que envolvem a temática ensino de História na perspectiva dos professores atuantes na EJA. Nesse sentido, procurou-se evidenciar quem são os pesquisadores, o título de seus trabalhos, áreas, universidades, ano e seus respectivos orientadores e orientadoras. Além disso, buscou-se identificar os objetivos dos trabalhos, as principais referências utilizadas e, mesmo que brevemente, os resultados alcançados.

No **Quadro 3**, que segue, apresenta-se um panorama geral dos trabalhos identificados.

Quadro 3 – Listagem de trabalhos

Autor	Título	Área	Universidade	Ano	Orientador
-------	--------	------	--------------	-----	------------

P r i s c i l a Novaes	Mudanças Curriculares no Ensino de História: permanências e rupturas – um estudo de práticas curriculares de um curso de Jovens e adultos em um projeto específico	Educação	PUC/MG	2007	Maria Inez Salgado de Souza
Silvia Nogino	Identidade Cultural e Ensino de História em Educação de Jovens e Adultos	Educação	UCP/RJ	2008	Sonia Maria de Vargas
João Andrade	História e Memória nos Fazeres Docentes Ordinários com a EJA	Educação	UEMG	2011	Lana Mara de Castro Siman
C l a u d i a Furtado	Os saberes históricos escolares e o currículo de História como uma possibilidade emancipatória no Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos.	Educação	UFPB	2011	Edineide Jezine Mesquita
Érica Frade	A Construção da Prática Pedagógica: um estudo com professores iniciantes de História na EJA	Educação	UFMG	2012	Carmem Lúcia Eiterer
Alessandra Silva	O trabalho docente no PEJA – RJ: as possibilidades de elaboração, execução e ressignificação de um currículo crítico,	Educação	UFF	2013	Clarice Nunes
C l á u d i a Hickenbic	Lembrança, Interesse e História Substantiva: significados do ensino de História para os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos	Educação	UFPR	2009	Maria Auxiliadora Schmidt

Maria Sousa	A Prática Pedagógica dos Professores de História na Educação de Jovens e Adultos: Um Estudo de Caso em uma Escola da Rede Municipal de Educação de Belém	Educação	UEPA	2009	Cely do Socorro Costa Nunes
--------------------	--	----------	------	------	-----------------------------

Fonte: Elaborado por Bonete (2018).

Como evidenciado, os 8 (oito) trabalhos foram desenvolvidos em programas de pós-graduação em Educação. Três, especificamente, no estado de Minas Gerais (Novaes, Frade e Andrade) e dois no estado do Rio de Janeiro (Nogino e Silva). O trabalho mais recente é a tese de doutorado de Alessandra Nicodemos Silva. Quanto aos temas de pesquisa, todos procuraram enfatizar a prática pedagógica do professor de História na EJA e também observar a estruturação do currículo de História para essa modalidade de ensino.

Os autores desses trabalhos dialogaram com teóricos expressivos de diferentes áreas. Na educação, temos as seguintes referências: **Currículo** (Ivor Goodson, Tomaz Tadeu da Silva, Michael Apple), **Transposição Didática** (Yves Chevallard), **Saberes Docentes** (Maurice Tardif e Phillippe Perrenoud), **Práticas Pedagógicas** (Paulo Freire e Vera Candau) e **Cultura Escolar** (André Chervel e Jean-Claude Forquin).

No campo mais específico da História há referências de teóricos como: Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Carlo Ginzburg e Edward Palmer Thompson. No campo do ensino de História aparecem menções a trabalhos de autores como: Lana Mara de Castro Siman, Sonia Regina Miranda, Circe Bittencourt, Déa Ribeiro Fenelon, Kátia Abud, Maria Auxiliadora Schmidt e Isabel Barca. No campo voltado para as Ciências Sociais foram trabalhados os seguintes autores: Stuart Hall, Raymond Williams e François Laplatine.

Em 2007, Priscila Weitzel Novaes procurou analisar as mudanças efetivas no currículo e nas práticas pedagógicas do ensino de História, bem como os processos de *Transposição Didática* no interior da sala de aula, de um curso de EJA ofertado no âmbito da UFMG. O conceito de *Transposição Didática* elaborado por Yves Chevallard (2000) é utilizado como uma referência principal nesse trabalho. Para este teórico, a ação docente perpassa a “transformação” ou tradução dos conhecimentos e conteúdos produzidos no âmbito acadêmico, para a sua

transformação numa linguagem adaptada às salas de aula. Nesse sentido, Novaes procurou analisar como os professores de História selecionavam os conteúdos e faziam a mediação entre o conhecimento histórico acadêmico e o conhecimento histórico escolar

Conforme a pesquisadora:

Na sala de aula o currículo prescrito aparecia na forma dos conteúdos selecionados pelos monitores-professores e o currículo real se destacava pelos métodos e técnicas como o uso de filmes, textos de época, aulas expositivas, uso de jornais e revistas que traziam alguma reportagem sobre o assunto estudado. Normalmente, ambos monitores-professores pesquisados evitavam exigir atividades de “para-casa” por saberem e terem consciência de lidarem com alunos e alunas trabalhadores (NOVAES, 2007, p. 114).

Novaes constatou, em suas observações, que a atividade de maior interesse dos alunos foi a “aula expositiva”, justamente aquela que é criticada por muitos educadores. Além disso, os professores aproveitaram várias vezes o interesse, e as questões levantadas pelos alunos, para tornar as aulas de História mais dinâmicas. Essa valorização do conhecimento e das ideias dos alunos fez com que eles se sentissem mais instigados a participarem de uma aula expositiva dialogada.

Novaes apontou lacunas na formação inicial dos professores que tiveram as suas aulas analisadas. Por exemplo, muitos deles demonstraram um desconhecimento acerca do funcionamento da EJA, de textos e de referências do ensino de História e, também, a utilização de vocabulário e de termos mais sofisticados que desconsideraram as especificidades dos alunos jovens e adultos.

Por fim, Novaes (2007) afirma que a sua intenção não foi reprovar ou apenas criticar as aulas dos professores de História. Ao contrário disso, sua pesquisa se apoiou em teorias que tiveram a intenção de compreender e de destacar as mudanças e as rupturas do currículo do ensino de História e que, ao mesmo tempo, podem viabilizar novas construções acerca da prática docente dos professores de História atuantes na EJA.

No mesmo ano de 2007, Silvia Braga Nogino defendeu a sua dissertação de mestrado com o objetivo central de investigar como é discutida a questão da identidade no ensino de História na EJA. Para tanto, buscou analisar o tema da identidade presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), nas Propostas

Curriculares para a EJA e nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a EJA. Além disso, realizou entrevistas com um grupo de professores que atuavam na EJA e que também produziam materiais didáticos para essa modalidade de ensino.

As questões que nortearam a pesquisa de Nogino (2007) foram as seguintes: é possível realizar, com os alunos jovens e adultos, um trabalho pedagógico que viabilize as relações de diálogo e de respeito às diferenças? As discussões feitas em sala de aula podem levar o aluno e o professor a realizarem, em conjunto, estudos diversificados tendo em vista as suas identidades culturais, num processo de elaboração de interpretação do passado e do presente da humanidade?

No que tange às principais referências teóricas, Nogino (2007) dialogou com o conceito de cultura proposto por Raymond Williams. Para esse autor, a cultura pode ser entendida como um sistema de significações existentes socialmente, pois é nesse âmbito que ela é comunicada, vivenciada, reproduzida e estudada. A cultura, portanto, é essencial no processo de construção da identidade humana. Nessa esteira de discussões, Nogino faz uso do conceito de Identidade Cultural, elaborado por Stuart Hall, ao afirmar que o trabalho na EJA deve valorizar as diferenças culturais e as vivências dos alunos nos processos de ensino e aprendizagem de História.

Sendo assim, Nogino enfatiza:

Desenvolvemos nossa investigação defendendo a concepção de que os estudantes da EJA são produtores de saberes históricos a partir de suas experiências cotidianas e que podem adquirir saberes históricos formais difundidos na escola, através de um ensino que valorize suas vivências, (2007, p. 97).

Pautada em Paulo Freire, Nogino afirma que a ação dialógica em sala de aula é essencial, visto que ela estimula a relação entre professores e alunos e que auxilia no processo de transformação da aprendizagem e do mundo em colaboração.

Nogino (2007) constatou também que as propostas curriculares delegam um lugar importante para a disciplina de História na EJA: um espaço de formação da cidadania, compreensão da realidade e a pluralidade cultural, bem como o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos. Já na fala dos professores, a autora destacou a importância de se abordar a história fora dos

moldes eurocêntricos e de enfatizar a cultura africana e as suas contribuições socioculturais para a construção da identidade brasileira.

Em suma, a grande contribuição da pesquisa de Nogino reside na ideia de que os professores devem considerar a história e a vivência de cada aluno no processo de construção de suas aulas. Considerar a vivência significa perceber que os indivíduos formam as suas identidades no contato com diversos saberes e aspectos culturais e que tal identidade está em constante transformação. Logo, é necessário considerar as especificidades culturais de cada sala, bem como o local em que as escolas estão inseridas. Somente assim, conhecendo os alunos e suas trajetórias culturais, é que será possível pensar o ensino de História de maneira mais significativa e que contribua para a construção da identidade cultural dos alunos.

Em 2009, Cláudia Hickenbick finalizou a sua dissertação de mestrado que foi defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR. O objetivo principal foi analisar o significado do conhecimento histórico para um grupo de alunos do segundo segmento da EJA, de professores, de coordenadores, de auxiliares de ensino e de funcionários da Rede Municipal de Ensino em Florianópolis – SC. De modo mais específico, a autora buscou investigar a relação que os sujeitos estabeleciam com o conhecimento histórico, em termos de lembrança escolar e de interesse por esses conhecimentos, e o que as ideias dos sujeitos poderiam revelar em termos de compreensão disciplinar.

Hickenbick (2009) desenvolveu sua pesquisa sob a perspectiva da educação histórica, pautada na Teoria e Filosofia da História de Jörn Rüsen com os conceitos de consciência histórica, aprendizagem histórica, narrativa histórica e formação histórica. A autora também dialogou com Peter Lee e o conceito de literacia histórica. Esses conceitos a permitiram traçar um caminho teórico-metodológico para captar a consciência histórica dos sujeitos envolvidos na EJA e analisar o significado do conhecimento histórico para eles. Para tanto, fez uma série de observações nas aulas, aplicou questionários e realizou entrevistas com os sujeitos participantes da pesquisa.

Para os alunos investigados, a escola significa um lugar fundamental para aprender história. A TV foi citada com um importante meio para a obtenção de conhecimento histórico, desde que passe pelo crivo do Professor de História. No que diz respeito às lembranças, os alunos citaram basicamente as lembranças da escola, dos professores e das suas estratégias, mas não fizeram referência aos saberes históricos.

Já os professores, destacaram a importância da História e o seu papel transformador. Tal transformação está relacionada à História substantiva (renascimento, revolução, ditaduras). A autora também identificou, nas falas dos docentes alguns conceitos como evidência ou narrativa.

Maria de Fátima Cravo de Sousa defendeu, em 2009, a sua dissertação de mestrado que foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Uepa. O objetivo da autora foi investigar a prática docente desenvolvida em sala de aula e identificar as dificuldades e as possibilidades do ensino de História na EJA. Para tanto, utilizou o depoimento de dois professores de História e de três alunos de uma escola municipal da cidade de Belém – PA.

No primeiro momento da pesquisa Sousa (2009) traçou um panorama sobre a História da EJA no Brasil e sobre as políticas públicas a ela destinadas. No segundo momento apresentou o desenvolvimento do Ensino de História no Brasil no intuito de compreender como se davam as práticas pedagógicas em História, na EJA. No terceiro momento teceu análises e considerações sobre os dados coletados.

No contexto de Ensino de História na escola pesquisada, Sousa destaca:

é preciso ter clareza de que não são as determinações ou diretrizes curriculares descritas nos documentos oficiais que irão dar conta de contemplar a realidade e as necessidades formativas dos alunos, por mais que as mesmas possam conter temas que expressem urgências sociais. É imprescindível reconhecer e considerar os saberes e valores culturais dos mesmos, assim como cabe ao professor definir-se a partir de suas convicções político-pedagógicas pela abordagem histórica que norteará sua prática pedagógica e, dessa forma, tentar discutir com seus alunos concepções e princípios que norteiam o processo de construção de conhecimentos (SOUSA, 2009, p. 66).

Sousa (2009) postula que a prática de ensino de História deve pautar-se pelo respeito e pelo conhecimento da alteridade. A existência de um currículo formal não representa a garantia de um ensino de qualidade que considere as demandas de orientação temporal dos estudantes da EJA. É preciso que o professor resinifique a sua prática a partir do entendimento de quem são os seus alunos.

Sobre os alunos, a autora afirma que eles reconheceram as suas dificuldades cognitivas, as dificuldades de leitura, de interpretação e de compreensão de textos. Isso, por sua vez, foi visto por Sousa (2009) como fatores comprometedores dos desempenhos dos alunos nas aulas de História, tendo

em vista que tais habilidades são fundamentais para o acesso ao conhecimento histórico.

Já os professores entrevistados não conseguiram, em alguns momentos, reconhecer que não é possível separar o conteúdo a ser trabalhado na escola das evidências históricas. O que muda é a forma e o tratamento que é dado às evidências, aos conteúdos históricos, a sua seleção e a organização. Nessa direção,

o professor de História precisa construir o conhecimento histórico com o aluno. Vale ressaltar que na educação básica, o conhecimento produzido não é absolutamente novo, pois, para tal, é necessária a utilização de um método de pesquisa específico e esse não é o objetivo desse nível de ensino. Mas, o trabalho pedagógico do professor de História pode ser operacionalizado com o objetivo de subsidiar teoricamente os alunos a construírem conceitos, valores e representações acerca do objeto estudado (SOUSA, 2009, p. 69).

A autora destaca ainda que cada evidência e conteúdo histórico, em diferentes formatos, respondem a um objetivo de estudo específico, uma vez que os dois tratam do mesmo objeto histórico: a sociedade e as relações que os sujeitos históricos estabelecem entre si. As evidências históricas, ao passarem pelo tratamento científico do historiador, tornam-se conhecimentos históricos e esses, ao serem trabalhados didaticamente pelo professor, compõem os conteúdos escolares (SOUSA, 2009).

Por fim, Sousa destaca que existem diferentes potencialidades do ensino de História no processo de formação da consciência histórica dos alunos. Para tanto, os professores podem utilizar inúmeras estratégias para que a aprendizagem histórica se torne mais significativa para os alunos. Desse modo, a autora cita o uso de recursos audiovisuais, como filmes e iconografias, visto que eles podem aprimorar a capacidade de observação e de análise de fatos e de situações históricas de várias épocas e grupos sociais. A oralidade também é considerada um recurso importante, à medida que proporciona a oportunidade de troca culturais, ritmos, costumes e hábitos. Conforme a autora, os textos históricos contidos em livros didáticos, revistas e jornais também se configuram em suportes – e fontes históricas – importantes no desenvolvimento da prática da leitura com os alunos da EJA.

Em suma, Sousa aponta que as dificuldades encontradas pelos professores entrevistados em relação à prática pedagógica

decorrem do processo de formação inicial e continuada dos mesmos, uma vez que diante das especificidades dessa modalidade – alunos que se evadem da escola por vários anos, seja por motivo de trabalho ou em função de uma história de insucesso escolar, envolvimento dos mais jovens com a violência e a criminalidade, não domínio de habilidades básicas na área do letramento, entre outros – não se sentem preparados para atuar de forma qualitativa no processo de formação escolar desses alunos (SOUSA, 2009, p. 116).

Sousa detectou uma lacuna na formação inicial e continuada dos professores, qual seja, o desconhecimento das especificidades da EJA. Devido a isso, finalizando a autora postulou a importância de se elaborar uma proposta de formação continuada junto aos professores de história da EJA, a fim de contribuir para o desenvolvimento de estratégias de ensino direcionadas especificamente para o público da EJA.

Em 2011, João Carlos Ribeiro Andrade defendeu a sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEMG. O autor procurou analisar como os professores, sem formação específica em História, potencializavam, em seus fazeres docentes ordinários, as relações entre História e memória nas práticas culturais de visita a museus.

Dialogando com teóricos do campo da História e da Filosofia, trabalhou conceitos como cultura e cultura escolar, memória e práticas de memória. Além disso, procurou salientar a necessidade de se construir novos olhares acerca dos fazeres cotidianos daqueles profissionais para analisar as potencialidades das práticas culturais para o trabalho com a História e Memória na alfabetização com a EJA (ANDRADE, 2011).

Para tanto, Andrade analisou as aulas de uma professora alfabetizadora que, em diálogo com as experiências históricas dos alunos e com outros saberes que emergem das experiências vividas, construiu-se através de uma prática cultural de visita ao Museu de Artes e Ofícios (MG) e potencializou as relações entre Histórias e Memórias.

Com efeito, as práticas culturais de visita ao MAO permitiram à docente alfabetizadora da EJA construir tateamentos, buscar aproximar-se, da realidade dos alunos, despertar os educandos da EJA para relações com outras fontes mais fluidas potencializando

relações entre História e memória. [...] No caso do trabalho com a História, ela adotou outras práticas culturais para aproximar os educandos alfabetizando dessa área do saber: filmes e visita a exposições. Percebemos esses processos mediante os relatos da professora, a observação de fotos com a participação dos alunos em uma exposição sobre “mulheres reais” realizada pela Casa de Cultura de Contagem/MG. Não obstante, em determinado momento da entrevista, a profissional afirmou não dedicar tempo específico ao trabalho com a História. Em outros momentos das entrevistas, ela afirmou a importância do espaço do museu para explorar a história do trabalho e sensibilizar os estudantes alfabetizando da EJA para o trabalho com a História, sobretudo, por meio dos objetos do museu. Nesse processo, ela sinalizou aproximações com objetos mais fluidos que possibilitassem mediações mais densas com dimensões das experiências históricas daqueles educandos em suas especificidades de vida, nos mundos do trabalho (ANDRADE, 2011, p. 271).

Esse fato conduziu o autor a inferir que as relações entre Escola e Museu, Práticas culturais e Alfabetização com a EJA e História e Memória oportunizam estabelecimento de relações que despertam a sensibilidade do aluno para a história local, a identificação entre o indivíduo e o meio em que ele vive, ou seja, um ensino de história como experiência, como algo significativo para a vida de cada aluno.

Andrade (2011) afirma que ao retornar para a sala de aula, a professora retomou em forma de diálogo todas as experiências vivenciadas na visita ao museu. De maneira eloquente, a professora procurou tecer sentidos (numa relação dialógica com os alunos) aos objetos e à história vista e construída no ambiente do museu.

Nessa construção de um “ato de memória”, a professora potencializou os seguintes movimentos: a expressar memórias de sentimentos sobre a visita; refletir acerca de temáticas históricas mobilizadas pelos objetos de museu e construir certo exercício de autonomia profissional na elaboração de seu material didático. (ANDRADE, 2011).

Ainda em 2011, Claudia Mendes Abreu Furtado concluiu a sua dissertação de mestrado que foi defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB. A autora procurou analisar a prática docente na EJA através da ótica da Transposição Didática.

Em outros termos, a autora buscou investigar quais eram os critérios, referenciais e meios utilizados na seleção do trabalho com os saberes históricos escolares. Para a autora, é preciso considerar as especificidades dos sujeitos da EJA e os objetivos da disciplina de História com vistas a garantir uma prática sempre emancipatória. (FURTADO, 2011).

Furtado (2011) utilizou basicamente duas categorias de análise: o *Currículo emancipatório*, a partir do entendimento de que currículo é um documento constituído de contradições e que sofre transformações ao longo do tempo e das relações estabelecidas pelos sujeitos que interagem com o mesmo, carregado de intenções, de vivências, de identidades e compõe um conjunto de ações que cooperam para a formação humana em suas múltiplas dimensões constitutivas; e o conceito de saber histórico entendido como oriundo da *Transposição Didática*, ou seja, de um processo de didatização dos saberes a serem ensinados e que constituem o currículo planejado e realizado no Ensino Médio da EJA. Em ambos os processos, Furtado enfatiza

o professor tem papel primordial, sendo ele, em última instância, responsável por adaptar o saber e o currículo à sua realidade e adaptar-se a ele para a realização da práxis pedagógica. É o professor que introduz significados processo de filtragem decisivos na mediação entre o aluno e a cultura representada no currículo (FURTADO, 2011, p. 17).

Furtado (2011) constatou, ao final, que empreender um trabalho didático com os saberes históricos escolarizados, tendo como premissa a emancipação dos sujeitos, depende de vários condicionantes necessários, uma vez que há uma série de dificuldades enfrentadas pelos professores de História para desenvolverem um currículo emancipatório no Ensino Médio da EJA.

A grande questão identificada pela autora é que os professores de História, por não conhecerem a abordagem emancipatória, costumam adaptar o currículo do Ensino Médio Extensivo à realidade da EJA. Tal adaptação deriva da falta de referenciais curriculares na rede pública estadual, por não possuírem a formação inicial e continuada que necessitam para lecionar nessa modalidade, associada, em muitos casos, a não terem escolhido trabalhar na EJA. Essa adaptação do currículo do Ensino Médio Extensivo produz pouco significado para os alunos da EJA e

deixa uma lacuna no processo de aprendizagem dos alunos e que necessita ser melhor observado pelos professores e pesquisadores.

No que tange às práticas pedagógicas docentes, Érica Paula Frade defendeu, em 2012, a sua dissertação de mestrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG, na qual buscou compreender como os professores (em início de carreira, de um a cinco anos de experiência) construíam as suas práticas pedagógicas, como percebiam os seus educandos e as especificidades dessa modalidade. A pesquisa foi realizada em Belo Horizonte, Minas Gerais, e partiu de referências como Maurice Tardif, Phillipe Perrenoud, Paulo Freire, Vera Candau, para abordar a noção de formação docente, prática pedagógica e as suas relações com a teoria da História.

Frade (2012) identificou, primeiramente, que os professores investigados não possuíam formação específica em História, tampouco possuíam cursos de formação relativos à EJA. Contudo, em níveis diferentes, os professores perceberam as diferenças entre a modalidade regular e a modalidade EJA e puderam criar práticas que julgavam ser as mais adequadas para atender as demandas de aprendizagem dos alunos jovens e adultos.

Por outro lado, nessas práticas, a autora apontou, a existência de muitas concepções equivocadas e estereotipadas acerca dos alunos e da modalidade. A autora destacou, ainda, que o sentido político e pedagógico da EJA poderá ser desenvolvido dependendo da percepção do docente sobre essa modalidade de ensino.

Ao final, a autora concluiu que o contato dos professores com a modalidade e com a disciplina de História, deu-se em serviço na sua própria experiência. Na opinião da autora, os cursos de licenciatura deveriam oferecer uma base sobre as especificidades da EJA, uma base referencial e, principalmente, que trabalhassem questões práticas que poderiam ser aplicadas em sala de aula (FRADE, 2012).

Em 2013, identificamos a tese de doutorado de Alessandra Nicodemos Oliveira Silva que foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF. A autora elaborou uma análise das práticas de professores de História que atuavam no Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), da Secretaria Municipal de Educação, na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 2010 a 2012. A autora partiu da seguinte categoria de análise: *trabalho docente e proletarização do magistério*. Em seu trabalho, Silva objetivou identificar e problematizar as possibilidades de se empreender uma construção curricular crítica por parte desses docentes.

Num primeiro momento, a autora realizou o exame do lugar da docência no quadro educacional contemporâneo à luz das categorias trabalho docente e proletarização. Em seguida, observou como esses aspectos se configuram em relação ao professor que ensina História para jovens e adultos trabalhadores, no município carioca. A pesquisa apoiou-se nas concepções teóricas de Tardif e Lessard, Bittar e Ferreira Junior, Dermeval Saviani, Rumert, Fávero, Miguel Arroyo, Paulo Freire, Marilena Chauí, E. P Thompson, Marx e Ellen Wood.

Na primeira parte, Silva elaborou uma análise acerca da precarização e da proletarização do trabalho docente, cujo início ocorreu na década de 1970 com a ampliação quantitativa da escola pública no Brasil. Nesse período ocorreu a criação de cursos de licenciatura curta, arrocho salarial e perda do status econômico e social da categoria e, por último, a ampliação do controle administrativo e pedagógico sobre o trabalho docente. Outras análises referem-se aos desafios docentes na EJA e o ensino de História – a partir das propostas curriculares para o ensino de História na EJA – e a formação do aluno trabalhador (SILVA, 2013).

Silva realizou um estudo de caso, de tipo etnográfico, sobre as práticas em sala de aula de um professor indicado pelo conjunto dos professores entrevistados. Buscou verificar, na realidade escolar do Município carioca, as contradições e as perspectivas concretas do processo de elaboração, de execução e de ressignificação de um currículo crítico no diálogo com o legado da Educação popular (SILVA, 2013).

Em suma, as oito produções aqui apresentadas aproximam-se pela pluralidade de abordagens pautadas em conceitos como currículo, ideologia, memória, saberes docentes, transposição didática e consciência histórica. Por outro lado, nessas pesquisas é muito forte a presença de teóricos ligados ao campo da educação e ao Ensino de História. Percebemos que essas investigações são produções que buscam salientar a necessidade de uma ressignificação dos currículos para a EJA, de modo a respeitar as especificidades culturais dos alunos que frequentam essa modalidade. Os pesquisadores ressaltaram que, quando os professores da EJA consideram as experiências dos alunos como um dos fios condutores da aula, ocorre um ganho de potencialidade na promoção de um ensino de história mais significativo e emancipatório para a vida dos alunos jovens e adultos.

Considerações finais: perspectivas

Esse artigo teve a pretensão de apresentar, de maneira quantitativa um levantamento das produções acadêmicas, a nível *stricto sensu*, acerca do ensino de História na EJA, realizadas no Brasil, bem como analisar, de maneira qualitativa, aquelas produções que envolviam o ensino de História a partir das experiências de professores atuantes na EJA. Apontou-se que não há uma homogeneidade nas abordagens teóricas e epistemológicas, e mais do que isso, identificou-se aquilo que Ana Maria Monteiro e Fernando Araújo Penna (2011) compreendem como o ensino de História em lugar de fronteira, ou seja, um ensino de história que dialoga com diferentes áreas do saber científico.

Percebeu-se que os Programas de Pós-Graduação em Educação ainda continuam sendo os grandes acolhedores das pesquisas em ensino de História. Isto, por outro lado, evidenciou que ainda existem inúmeros tensionamentos e disputas nos programas, sobretudo de História, que continuam a menosprezar ou compreender, que a pesquisa em Ensino de História não é uma pesquisa histórica, e sim, algo estritamente pedagógico, mesmo com o surgimento de linhas específicas nos programas *stricto sensu* de História.

Acredita-se que com a criação e a ampliação dos mestrados profissionais em ensino de História (PROFHISTÓRIA), novas preocupações investigativas podem surgir a partir das experiências dos professores que já estão atuando em sala de aula. No caso específico do ensino de História na EJA, um olhar sobre as produções mais recentes, a partir de 2018, é algo urgente e necessário a se fazer.

Considera-se que os 8 (oito) trabalhos, frutos de pesquisas *stricto sensu*, que analisam o ensino de História a partir da perspectiva docente, ainda fazem parte de um número escasso de pesquisas sobre a EJA, se comparado ao desenvolvimento outras investigações sobre o ensino de História no Brasil.

Nesse sentido, a proposta desse artigo visou se constituir numa contribuição para evidenciar os diferentes sujeitos que tomaram por objeto de pesquisa o ensino de História na EJA, quais as particularidades de seus trabalhos e de que forma eles podem abrir caminhos para se pensar um ensino de História com sentido para a vida dos alunos. Também foi evidenciado algumas tendências de interesses investigativos e a necessidade de se instigar novas produções nos centros de pesquisa brasileiros

Para finalizar, apresenta-se aqui algumas lacunas que demandam investigações e atenção por parte dos pesquisadores do ensino de História na EJA:

- Ensino de História e o uso de Novas Tecnologias na EJA;
- Debates teórico-epistemológicos sobre o ensino de História e EJA;
- As práticas de ensino de História voltadas para idosos, na EJA;
- Ensino de História, formação docente e relações de gênero na EJA;
- Práticas de ensino de História na EJA a partir das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008;
- Trajetórias de vida e formação de professores de História que atuam na EJA;
- Formação docente na EJA, a partir da perspectiva da Didática da História.

É conveniente, ainda, refletir sobre a questão da formação dos professores de História que atuam na EJA. Ana Maria Monteiro afirma que os professores, no contexto educacional, têm como desafio definir *o que ensinar* – seleção de conteúdos – e *como ensinar* – processo de produção dos saberes no qual realizam as mediações didáticas para tornar possível de ser aprendido os conteúdos ensinados. Nessa direção,

Esse processo de tornar possível de ser aprendido o que é ensinado envolve domínio dos conhecimentos objeto de ensino, mas não somente. É preciso domínio teórico-metodológico dos modos de produção do conhecimento histórico e de formas de torná-lo compreensível pelos alunos – o auditório para o qual se dirige. Esse processo envolve desafios na medida em que pode se tornar refém de reducionismos, simplificações, anacronismos e pode implicar erros. Desenvolvê-lo de forma clara, coerente e compatível com a produção historiográfica contemporânea é desafio que exige rigor teórico e metodológico (MONTEIRO, 2013, p. 30).

Trata-se aqui de uma questão ligada tanto à formação inicial, quanto à formação continuada dos professores de História. Quanto à formação inicial, existem vários relatos de experiências advindas da disciplina de estágio supervisionado, sobre o ensino de conteúdos históricos específicos e de realizações de oficinas.⁵ Esse é um ponto positivo, pois como afirma Monteiro (2013), a

formação precisa garantir que a profissionalização docente possibilite um trabalho enriquecedor e qualificado daqueles que são responsáveis pela educação. Durante o curso de graduação, os estudantes precisam realmente participar de experiências de pesquisa sobre o ensino e à docência que os habilitem a propor alternativas às práticas de ensino em construção.

Quanto aos professores que já atuam na EJA, algumas questões merecem a atenção dos investigadores: como foi a formação inicial dos professores de História? Quais foram os processos que os levaram a exercer a docência na EJA? Quais são as suas especializações? Como tem se desenvolvido a formação continuada? Quais são os cursos e áreas que mais lhes interessam? Esses e outros questionamentos são fundamentais para pensar a experiência e os desafios do ser professor de História na EJA, no cenário brasileiro.

Referências

ANDRADE, João Carlos Ribeiro. *História e memória nos fazeres docentes ordinários com a EJA*. Dissertação. 301. (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Minas Gerais, 2011.

BITTENCOURT, Circe. Prefácio. In: MONTEIRO, Ana Maria (et al.). *Pesquisa em Ensino de História. Entre desafios epistemológicos e apostas políticas*. Rio de Janeiro: Manad X: Faperj, 2014.

- CERRI, Luis Fernando. *Historiador na Reflexão Didática. História & Ensino*, v. 19, n. 1, jan./jun., 2013. USP, 2004.
- CHEVALLARD, Yves. *La transposición didáctica: del saber sabio al saber enseñado*. Buenos Aires: Aique, 2000.
- FRADE, Érica Paula. *A Construção da Prática Pedagógica: um estudo com professores iniciantes de História na EJA*. Dissertação. 149 f. (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- FURTADO, Cláudia Mendes Abreu. *Os saberes históricos escolares e o currículo de História como uma possibilidade emancipatória no Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos*. Dissertação. 243 f. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- HICKENBICK, Cláudia. *Lembrança, interesse e história substantiva: significados do Ensino de História para os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos*. Dissertação. 154 154 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, 2009.
- LAWAND, Diógenes Nicolau. *Memória e Ensino de História: uma experiência na Educação de Jovens e Adultos*. 2004. 290 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2004.
- MONTEIRO, ANA Maria. Formação de professores: entre demandas e projetos. *Revista História Hoje*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 2013, p. 30.
- MONTEIRO, Ana Maria; PENNA, Fernando Araújo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. *Educ. Real*, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 191-211, jan./abr., 2011.
- NOGINO, Silvia Braga. *Identidade Cultural e Ensino de História em Educação de Jovens e Adultos*. Dissertação. 110 f. (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2007.
- NOVAES, Priscila Weitzel. *Mudanças Curriculares no Ensino de História: permanências e rupturas – um estudo de práticas curriculares de um curso de Jovens e adultos em um projeto específico*. 2007. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte Minas Gerais, 2007.
- SILVA, Alessandra Nicodemos Oliveira. *O trabalho docente no PEJA/RJ: as possibilidades de elaboração, execução e ressignificação de um currículo crítico*. 2013. 285 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Petrópolis. 2013.
- SOUSA, Maria de Fátima Cravo. *A prática pedagógica dos professores*

de História na Educação de Jovens e Adultos: um estudo de caso em uma escola da rede municipal de Educação de Belém. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2009.

ZAMBONI, Ernesta. Encontros

Apêndice – Teses e dissertações mapeadas entre 2004-2016

ANDRADE, João Carlos Ribeiro. *História e memória nos fazeres docentes ordinários com a EJA.* Dissertação. 2011. 301 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG, Belo Horizonte. 2011.

BARBOSA, Aline do Carmo Costa. *Didática da História e EJA: Investigações da consciência histórica de alunos jovens e adultos.* Dissertação. 2013. 123 f. (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2013.

BONETE, Wilian Júnior. *Ensino de História, consciência histórica e a Educação de Jovens e Adultos.*

2013. 198 f. Dissertação (Mestrado em História) –

Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2013.

BRINGEL, Eliane Leite

nacionais de pesquisadores de história: perspectivas. In: ARIAS NETO, José Miguel (org.). *Dez anos de pesquisas em Ensino de História.* Londrina: AtritoArt, 2005. p. 37-49.

Barbosa: *o uso de filmes no ensino e aprendizagem de História na Educação de Jovens e Adultos – EJA em Araguaína – TO.* 2016. 117 f. Dissertação. (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins, Londrina, 2016.

BRITO, Danilo Ferreira. *O Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos: as concepções sobre a História presentes nas narrativas dos alunos do CEEBJA Prof. Dulceny Becker.* Dissertação. 114 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2013.

COSTA, José Raimundo Lisboa. *Adultos – entre o ensinado e o vivido: as dimensões da consciência histórica.* 2005. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2005.

FRADE, Érica Paula. *A construção da prática pedagógica: um estudo com professores iniciantes de História na EJA.* 2012. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) –

UFMG, Belo Horizonte.

FURTADO, Cláudia Mendes Abreu. *Os saberes históricos escolares e o currículo de História como uma possibilidade emancipatória no Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos*. Dissertação. 2011. 243 f. (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, UFPB, 2011.

HICKENBIC, Cláudia. *Lembrança, Interesse e História Substantiva: significados do Ensino de História para os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos*. Dissertação. 154 2009 f. (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná, UFPR, 2009.

LAWAND, Diógenes Nicolau. *Memória e Ensino de História: uma experiência na Educação de Jovens e Adultos*. 290 f. Dissertação (mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, USP, 2004.

MARTINS Tânia Barbosa. *Processos de Exclusão Social: a contribuição do conteúdo e ensino de História e a visão dos jovens e adultos*. Dissertação. 191 f. (mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, 2005.

MELLO, Paulo Eduardo Dias. *Material Didático para Educação de Jovens e Adultos: história, formas e conteúdos*. Tese. 254 f. (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, USP, 2010.

NOGINO, Silvia Braga. *Identidade Cultural e Ensino de*

História em Educação de Jovens e Adultos. Dissertação. 110 f. (Mestrado em educação). Universidade Católica de Petrópolis, UCP. Petrópolis, 2007.

NOVAES, Priscila Weitzel. *Mudanças Curriculares no Ensino de História: permanências e rupturas – um estudo de práticas curriculares de um curso de Jovens e adultos em um projeto específico*. Dissertação. 139 f. (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

PÁDUA, Josiane Faria. *O processo de construção do conhecimento histórico para alunos em Educação de Jovens e Adultos: um olhar para as práticas de leitura e escrita*. Dissertação. 2008. 124 f. (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, 2008.

PEDROSO, Carina Cavaletti de Carvalho. *Representações Sociais sobre a História por alunos da EJA*. Dissertação. 2010. 78 f. (Mestrado em Psicologia Educacional) – Centro Universitário FIEO, Osasco, SP, 2010.

QUEIROZ, Renato Barbosa. *O manual didático de História nas escolas prisionais em Mato Grosso do Sul*. Dissertação. 2014. (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

RIAL, Adriana Pires. *Avaliação da Aprendizagem na Educação de*

Jovens e Adultos: práticas correntes no Ensino Médio, em História. 2007. 138 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Santos, São Paulo, 2007.

RINALDI, Ana Maria Maciel. *O Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos: uma contribuição para a formação da cidadania.* 2016. 243 f. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) – Universidade Estadual Paulista, 2016.

ROCHA, Cláudia Smuk da. *O estado do conhecimento sobre o Ensino de História na EJA: um estudo a partir dos anais dos simpósios da associação nacional de história (ANPUH – Brasil 1961-2015).* 2016. 236 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Local?? 2016.

SANTOS, Karla de Oliveira. *As relações étnico-raciais no livro didático da Educação de Jovens e Adultos:*

implicações curriculares para uma sociedade multicultural. Dissertação. 2011. 122 f. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2011.

SILVA, Alessandra Nicodemos Oliveira. *O trabalho docente no PEJA/RJ: as possibilidades de elaboração, execução e ressignificação de um currículo crítico.* 2013. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SOUSA, Maria de Fátima Cravo. *A prática pedagógica dos professores de História na Educação de Jovens e Adultos: um estudo de caso em uma escola da Rede Municipal de Educação de Belém.* 2009. 127 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2009.

Notas

1. Este artigo é um recorte de nossa Tese de Doutorado intitulada *Identidade e consciência histórica: um estudo com professores de História que atuam na EJA/PR*, defendida em 2019, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGHIS/UFMT) sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Kátia Abud (FE/USP) e contou com apoio financeiro da Capes.

2. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>. Acesso em: ????

3. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: ????

4. O ProfHistória, Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ensino de História, reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) do Ministério da Educação, visa à formação continuada do docente em História que atua na Educação Básica, propiciando qualificação certificada para o exercício da profissão. Liderado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ele tem como objetivo proporcionar formação continuada aos docentes de História da Educação Básica, com o objetivo de dar qualificação certificada para o exercício da profissão, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino. Texto disponível em: <https://profhistoria.ufrj.br/>. Acesso em: ????

5. Esses relatos podem ser encontrados

em artigos presentes nos anais do Encontro Nacional de Perspectivas do Ensino de História (PEH).

Endereço completo para correspondência:

Wilian Júnior Bonete

Rua Coronel Jesuino Marcondes, 520, ap. 3, Bloco 5.

Cidade: Guarapuava, PR.

CEP:85015-390

E-mail: wilian.bonete@uemg.com.br